

Geração dos exilados enfim chega ao poder

A eleição de Fernando Henrique Cardoso para presidente da República leva pela primeira vez ao Palácio do Planalto a geração dos exilados da ditadura militar de 1964. Eles se aproximaram antes do poder, mais com Tancredo Neves e Ulysses Guimarães do que com José Sarney, mais com Itamar Franco do que com Fernando Collor de Melo, mas nunca o empalmaram em sua plenitude como agora.

Quis o destino que chegassem ao topo do poder pela mão de aliados do regime passado, como Antônio Carlos Magalhães, Marco Maciel, Jorge Bornhausen e o próprio Sarney. Como tática eleitoral foi eficiente. Bastou deixar de lado diferenças históricas, isolar resistências de lado a lado, somar as semelhanças e tocar o barco com uma bandeira mínima de temas em comum bem genéricos.

A medida precisa desse investimento eleitoral será conhecida a partir de hoje, quando se somarem à bancada do PSDB os deputados e senadores que PFL e PTB estão elegendo. Aí se terá o tamanho da base de governabilidade que tanto preocupou o PSDB na hora de lançar a candidatura de Fernando Henrique.

A convivência no poder será outra história. Um presidente da República eleito de uma vez com maioria absoluta no primeiro turno tem uma força tão imperial que deveria meter mais medo nele próprio do que nos seus súditos. Mas, por mais força que tenha, não conseguirá governar sozinho. Governará com os seus aliados.

Fernando Collor elegeu-se contra tudo e contra todos, em 1989, e tentou governar da mesma maneira. Foi deposto. Quando Fernando Henrique diz que não tem compromissos com ninguém, deve-se ler que não deve nada a quem discordou

dos princípios genéricos de seu programa de governo. A quem concordou deve tudo.

Na hora de detalhar esses programas, será um bom espetáculo observar como Fernando Henrique conseguirá reconstruir as paredes divisórias da administração pública tendo como conselheiros um PFL e um PTB que mudaram na cúpula, mas que ainda têm o estigma de uma tara histórica pela disputa clientelista.

Durante a campanha, convenientemente, Fernando Henrique tentou reduzir a importância dessa questão. Disse que enxerga três males no Estado: a corrupção, o corporativismo e o clientelismo. A corrupção, segundo ele, foi desclassificada de epidemia para endemia. O corporativismo está firme como uma rocha. E o clientelismo, em decadência.

O PFL mudou o suficiente para continuar onde sempre esteve — no centro do poder. Os seus principais dirigentes dizem sobre a composição do novo governo apenas duas coisas: em primeiro lugar, que não têm nada a exigir do presidente eleito Fernando Henrique, a não ser que escolha bons nomes para compor a sua equipe; em segundo lugar, que o PFL, naturalmente, tem bons nomes a oferecer.

Mais do que a composição da equipe, revelará o caráter do novo governo o compromisso com as reformas sociais que o eleitor, ao optar por Fernando Henrique, desejou fazer moderada e progressivamente, e não com a ruptura simbolizada pela candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. A geração dos exilados venceu a batalha da democracia. Precisa vencer, agora, o desafio da revolução social que alguns quiseram fazer de armas na mão, mas que a sabedoria popular impõe agora pela força do voto.

A vitória de Itamar

O grande vitorioso da eleição chama-se Itamar Franco. É o primeiro presidente desde o fim da República Velha a eleger o sucessor.

Os dois gestos decisivos de Itamar para chegar aonde chegou, e com 82% de popularidade no Ibope, foram duas remoções. A primeira, a de Fernando Henrique do Ministério das Relações Exteriores para o da Fazenda, no início de maio do ano passado. A partir daí, sem abrir mão da pompa e da autoridade formal do cargo, Itamar deixou que Fernando

Henrique praticamente governasse.

A segunda remoção foi a do ministro Rubens Ricupero. Se Ricupero não tivesse sido substituído rapidamente, num fim de semana, o Plano Real e a candidatura de Fernando Henrique poderiam ter sofrido corrosão irreparável num pilar de sustentação que tinham em comum, a credibilidade.

É curioso que o presidente de quem se dizia não saber decidir acabou decidindo a eleição a seu favor com estes dois gestos de rapidez no gatilho.